

PREFÁCIO

O pensamento e a obra de Anselmo de Cantuária (c. 1033/4 – 21 de Abril de 1109) estão entre os interesses permanentes de José Maria da Costa Macedo, para quem a busca do Absoluto enquanto questão intrínseca da Filosofia encontra neste autor medieval um momento privilegiado e radicalmente inovador. Como o título de tom hegeliano sugere, é a figura do Absoluto e das suas formas que Costa Macedo procura em Anselmo e, através dele, também em outros autores e na própria Filosofia.

Este estudo tem como horizonte a *obra toda* de Anselmo, propondo uma chave de leitura centrada na compreensão da razão e do que se entende por argumentar *sola ratione*, a partir justamente das obras *Cur Deus Homo* e *Monologion*, lidas estritamente como obras filosóficas em torno dos conteúdos da fé. Na dinâmica do pensamento anselmiano o *Proslogion* e o *argumento único* são um ponto de culminância da razão que se descobre na discussão optimista das suas capacidade e limites.¹ Não é o *argumento* que é proposto como via de acesso a toda obra de Anselmo, o argumento é antes compreendido como conquista e articulação de um pensamento que se construiu paulatinamente em obras profundamente meditadas, mas também um nó de cujo desdobraimento emerge a descoberta das estruturas intrínsecas e dos modos próprios de a razão se fazer. O argumento é repensado nas consequências que Anselmo dele retira no próprio *Proslogion* para pensar Deus, bem como na reelaboração e explicitação crítica suscitada pelo confronto com Gaunilo. Na própria discussão dos atributos do *aliquid quo majus cogitari nequit* a razão é astutamente submetida à crítica dos seus princípios e limites, lance que Costa Macedo de modo penetrante coloca como etapa central da legitimação das possibilidades especulativas do argumento. Dissecado com penetração e minúcia no âmbito da obra toda de Anselmo, ao *argumento* é aqui dado o lugar de destaque devido a uma invenção do pensamento em que a razão, pela descoberta do excesso, abre em si mesma uma via para fora de si, em direção ao Absoluto.

Como experiência de pensamento estimulada e não coarctada pelas inquietações e os abismos da fé, a obra de Anselmo é-nos oferecida como um quase arquétipo da afirmação da autonomia da razão que, pelo poder de estabelecer relações, encontra o fundamento, fora de si mesma é certo, mas também para lá da experiência sensível imediata e aquém da revelação religiosa. A razão, magnificada pelos seus limites, não se põe a si mesma como fundamento autónomo e menos ainda como espírito

¹ Ver também Santo ANSELMO, *Proslogion, seguido do Livro em favor de um insensato, de Gaunilo e do Livro Apologético*, trad., introd. notas de Costa Macedo, (col. Filosofia, 10) Porto Ed., Porto 1996.

que se realiza na história. Como mostra Costa Macedo, pensar Deus *sola ratione* abre a *razão* ao Absoluto, dele se distinguindo radicalmente porque o coloca no plano da inapreensibilidade. Assim, a “dupla astúcia da razão”, porque se autonomiza da fé e do próprio pensador, em Anselmo nem esmaga o pensador, nem silencia a fé. A compreensão do pensamento de Anselmo adquire pois nova expressão, numa dialéctica fecundante das ligações entre as obras e o argumento, na sua génese e múltiplas formas, bem como no confronto com as reelaborações e interpretações de que tem sido objecto.

Nesta obra, Costa Macedo compraz-se nas articulações difíceis, aquelas que levam o pensar ou a razão para o âmagô de si mesma, numa dialéctica de dissolução de obstáculos gnoseológicos e epistemológicos à sua produtividade. O inapreensível do Absoluto torna-se o fundamento da pensabilidade e de todo o conhecimento possível à própria razão, ao mesmo tempo que se recusa a transformação da razão em Absoluto, porque colocada perante um *maior* que não pode igualar ou superar.

O entusiasmo é talvez a marca mais característica da intervenção e da criação filosófica do Dr. Costa Macedo. Professor estimulante e exigente, ao longo de quase 25 anos de docência na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Costa Macedo ensinou sobretudo Filosofia Medieval, em conjunto com a Prof.^a Maria Cândida Pacheco, tendo também o ensino da Ontologia e da Filosofia Contemporânea entre as matérias de sua predilecção, como nesta obra também fica bem visível. Praticante generoso da boa discussão e da interpelação sob todas as formas de colóquio, Costa Macedo compraz-se na leitura filosófica da História da Filosofia em busca permanente da diferença significativa, da interrogação que aprofunda, da questão que penetra o não dito, que cria e busca conexões, mas que também recusa as generalizações abusivas ou a banalização violentadora da originalidade dos filósofos. Por isso, o argumento de Anselmo não é reduzido a um significado maior, pelo contrário: é explicitado na *pluralidade de significações* que ele comporta, mesmo que nem todas possuam nos próprios textos de Anselmo a articulação de todas as suas evidências, ou nem seja explícita a posição de cada uma face a pensadores anteriores e posteriores. A tarefa do filósofo é também explicitar essas conexões.

Anselmo e a astúcia da razão é a edição revista e actualizada de um dos trabalhos que integravam as “Provas de aptidão científica e capacidade pedagógica” que Costa Macedo apresentou e defendeu em 1995 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.² A edição em livro, no ano do nono centenário da morte de Anselmo de Cantuária, deve-se a uma sugestão do Prof. Cléber Dias (que também é o autor dos índices finais) prontamente acolhida e promovida com a habitual generosidade pelo Prof. Luis Alberto De Boni, e insere-se nas actividades do Gabinete de Filosofia Medieval, de que Costa Macedo é membro desde a sua fundação.

José Meirinhos

² O estudo teve uma primeira edição em *Revista da Faculdade de Letras* [Universidade do Porto], *Série de Filosofia*, 12-13 (1995-1996) pp. 214-315; 14 (1997) pp. 261-339; 15-16 (1998-1999) pp. 213-325.